

Economista francês denuncia causas da pobreza brasileira

Fritz Utzeri
Correspondente

PARIS — Durante três anos, Guy Sorman, um economista e editor francês, professor do Instituto de Estudos Políticos de Paris, percorreu 18 países, do Egito à Índia, passando pela China, Zanzibar e Brasil. Ele conversou com todo tipo de gente no Terceiro Mundo — estadistas e favelados, líderes revolucionários e conservadores. Seu objetivo: procurar entender por que alguns países como a Coréia, Formosa e Cingapura ficaram ricos em 25 anos, enquanto em outros, como o Brasil, as diferenças sociais vão se acentuando.

Sua constatação é simples: em todos os países onde o governo ocupa o centro da atividade econômica, concentrando capital e impedindo o desenvolvimento da iniciativa privada, há pobreza e injustiça social. Liberal, autor de vários livros, ele acaba de publicar na França o resultado de seus três anos de andanças: *A nova riqueza das nações* (título tirado direto de Adam Smith), um livro que está na lista dos best-sellers em Paris e que deverá ser lançado em dezembro no Brasil.

Suas previsões para nós não são boas. Segundo Sorman, o Brasil não vai conseguir sair de seu quadro de desigualdades sociais. Para chegar a essa conclusão, ele entrevistou gente tão diversa como o presidente Sarney, Roberto Campos, Dom Helder Câmara, Henry Macksoud, Lula, Delfim Neto e o general Ivan da Souza Mendes. Só no Brasil, foram 39 visões que o levaram a colocar na abertura do seu livro uma citação de Alexis de Tocqueville: "O maior cuidado de um governo deveria ser o de acostumar as pessoas, pouco a pouco, a dispensá-lo."

Modelo — "O que salta aos olhos tanto no Brasil como na Argentina é uma estratégia de desenvolvimento surgida nos anos 30 e que não mudou muito desde então. Um modelo que pode ser resumido na concentração das decisões econômicas nas mãos de um grupo muito pequeno de pessoas, uma espécie de burguesia totalmente ligada ao aparelho de Estado. Esse aparelho é ora civil, ora militar, democrático ou ditatorial, mas as mudanças de orientação política ou mesmo o voto não modificam essa estratégia, que se caracteriza pela vontade de cirar uma grande potência, militar e econômica."

Democracia — "Acho que o Brasil não vai sair disso, apesar da democracia, pois a estratégia de concentração não foi modificada. A tecnoestrutura que está no poder, a aliança do setor público com a burguesia, uma fração dos militares e os políticos, quer continuar no poder. Há uma mudança no discurso, mas não acontece nada de novo além disso."



Guy Sorman critica os projetos de desenvolvimento que centralizam o poder numa minoria ligada ao aparelho estatal

Agricultura — "Concordo plenamente com Celso Furtado quando ele diz que os problemas do Brasil começam na agricultura. O desenvolvimento brasileiro deveria ter sido feito ao contrário: começando pela modernização da agricultura, criando uma pequena burguesia agrícola — com a garantia de uma remuneração justa por sua produção — e, num segundo tempo, entrando num regime de industrialização descentralizado e disperso, que atenda um grande número de consumidores. O que ocorre no Brasil é que foi criada uma potência industrial obrigada a se voltar para o mercado internacional porque não há mercado interno, ainda que existam mais de 70 milhões de potenciais consumidores."

Reforma agrária — "Não é simplesmente confiscar a terra. A reforma agrária é antes de tudo uma política de preços justos para os produtos agrícolas e depois uma política de irrigação, de difusão da educação e de progresso técnico. Redistribuir a terra sem fazer o resto primeiro, como a Igreja propõe às vezes, não resolverá nada. Acredito que essa coexistência do Estado poderoso com uma grande burguesia tecnocrática e uma grande massa miserável gera situações políticas e socialmente explosivas. Apesar da chamada índole pacífica do povo brasileiro, temo que haja sérios conflitos no campo. As únicas reformas agrárias que funcionaram no

mundo foram feitas em Formosa, no Japão e na Coreia. Foram reformas que levaram à criação de uma pequena burguesia rural, sem matar ninguém."

Cidades — "Os camponeses que migraram não voltarão ao campo, mas uma reforma agrária melhoraria indiretamente a vida dessas massas de favelados, que poderiam se estruturar em pequenas empresas para abastecer novos mercados e consumidores. O que falta ao Brasil é um grande mercado de pequenos consumidores. Hoje em dia a revolta agrária está nas cidades, nas favelas."

Concentração — "Sou contra o governo quando ele concentra muito capital em atividades que não lhe dizem respeito e, além disso, geram pouco emprego. Um desenvolvimento equilibrado para o Brasil seria um desenvolvimento agrícola e industrial baseado no emprego da mão-de-obra. Se olharmos para Formosa, Coreia e Japão veremos que inicialmente houve a modernização da agricultura, liberando mão-de-obra para as pequenas empresas. No Brasil, foi ao contrário. O que critico não é tanto o governo todo poderoso, mas a prioridade concedida a atividades industriais que empregam muito capital, produzem endividamento externo e inflação, sem gerar emprego. O debate hoje não é entre socialismo e liberalismo, entre estatismo e privatização, mas entre dois modelos de desenvolvimento: um fundado na concentração do capital e outro nos homens."

Políticos — "De uma forma geral, acho que os homens políticos não têm idéias e não espero que as tenham. Espero é que eles sejam representantes do povo. As idéias devem progredir nos meios intelectuais e de comunicação. Não é preciso converter os homens políticos. Eles naturalmente seguirão as idéias dominantes."

Empresários — "Em geral, o objetivo dos empresários é muito simples: querem ganhar dinheiro e é preciso deixá-los ganhar, que isso não é pecado. Mas é necessário verdadeiros empresários, que criam sua empresa porque têm ideais e não apenas porque são amigos do ministro. O mal do Brasil é que metade dos empresários são pela graça do Estado, porque tem influência nos ministérios, amizades, porque corrompem. Mas é difícil ser empresário quando o dinheiro é raro, o mercado é pequeno, a moeda instável. O Brasil não chega a matar seus empresários fisicamente, mas os mata todos os dias pela falta de crédito e pela corrupção. Depois se diz que, por não haver empresários, é preciso que o Estado tome a iniciativa."

Esquizofrenia — "A intervenção excessiva do Estado na economia brasileira gera insegurança, porque você passa a depender de algo distante. É preciso que o Estado tenha limites pre-estabelecidos. No Terceiro Mundo, o Estado torna-se prisioneiro de suas próprias contradições. É obrigado a financiar um setor público extremamente deficitário emitindo moeda e gerando inflação, enquanto faz discursos antiinflacionários e congela preços. O nome disso é esquizofrenia política. Acho que infelizmente o quadro só mudará quando não houver mais escolha. De certa forma eu diria, sem desejar que isso se verifique, que talvez o Brasil não esteja tão mergulhado na crise a ponto de mudar de política. Mas chegará o momento em que a mudança será inevitável e o Brasil terá que descentralizar o poder."